

USO DE CIGARROS ELETRÔNICOS E FATORES ASSOCIADOS: O PAPEL DO TABAGISMO PRÉVIO E DA CONVIVÊNCIA COM FUMANTES

Isabela de Ávila Silveira Coutinho¹
Marcelle Aparecida de Barros Junqueira²
Gedielson Timoteo Vieira de Souza³
Silvone Aparecida Gomes⁴

RESUMO: O Tabagismo apresenta raízes históricas marcantes, tendo sido associado a diferentes contextos sociais e culturais ao longo do tempo, o que contribuiu para sua ampla disseminação mundial. Com o aumento do número de fumantes e das doenças relacionadas, foram implementadas medidas de controle que resultaram na redução do consumo de cigarros convencionais. Nesse cenário, os cigarros eletrônicos surgem como uma alternativa, inicialmente associados à redução de danos, mas que vêm ganhando adesão, especialmente entre jovens e não tabagistas, apesar de evidências apontarem riscos à saúde. Este estudo teve como objetivo analisar o conhecimento e o uso desses dispositivos, considerando o tabagismo prévio e a convivência com fumantes. Trata-se de uma pesquisa de campo, de caráter descritivo e abordagem quantitativa, realizada com 210 indivíduos adultos em um município de grande porte de Minas Gerais. Os resultados indicam que a curiosidade é o principal motivo para o início do uso, enquanto a preocupação com a saúde se destaca como principal fator de não adesão. Além disso, o contexto social mostrou-se relevante na influência sobre o comportamento de uso. Conclui-se que há necessidade de estratégias de prevenção mais abrangentes, voltadas especialmente aos grupos mais vulneráveis.

1

Palavras chave: Cigarros eletrônicos. Tabagismo. Nicotina. Fatores de risco. Influência social.

INTRODUÇÃO

O tabaco, derivado da planta *Nicotiana tabacum*, é uma das substâncias psicoativas mais consumidas no mundo, com uso historicamente associado a práticas culturais, sociais e medicinais desde a Antiguidade. Registros apontam sua utilização por povos originários das Américas em rituais religiosos, sendo posteriormente incorporado às dinâmicas econômicas globais a partir da colonização, com ampla difusão no Brasil desde o período colonial (BENITO, 2025; HISSA, 2020). Ao longo dos séculos, o consumo do tabaco foi ressignificado, assumindo diferentes papéis sociais — desde recurso terapêutico empírico até símbolo de status,

¹Acadêmica, Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

²Doutorado. Enfermeira. Docente Orientadora, Universidade Federal de Uberlândia.

³Acadêmico, Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

⁴Acadêmica, Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

modernidade e integração social, especialmente a partir do século XX, com a expansão da indústria e da publicidade de massa (REZENDE JÚNIOR, 2013; FRAGA, 2010).

Apesar da consolidação do tabagismo como comportamento socialmente difundido, evidências científicas acumuladas ao longo do século XX estabeleceram sua forte associação com doenças respiratórias, cardiovasculares e neoplásicas, configurando-o como um dos principais fatores de risco evitáveis para morbimortalidade global (FRAGA, 2010; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2020). Atualmente, o tabagismo é responsável por milhões de mortes anuais no mundo, incluindo expressivo impacto no Brasil, além de estar relacionado a múltiplas doenças crônicas não transmissíveis (INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER, 2025). Em resposta, políticas públicas, campanhas educativas e regulamentações contribuíram para a redução significativa da prevalência de fumantes nas últimas décadas, especialmente no contexto brasileiro (BARRETO, 2018).

Paralelamente a esse cenário de controle do tabagismo, emergem os dispositivos eletrônicos para fumar, como os cigarros eletrônicos, introduzidos no mercado com a proposta de reduzir danos associados ao cigarro convencional e auxiliar no processo de cessação. Esses dispositivos operam por meio do aquecimento de soluções líquidas contendo nicotina, propilenoglicol, glicerina e aromatizantes, produzindo aerossóis inaláveis (CAVALCANTE, 2018). No entanto, estudos recentes indicam que tais dispositivos não são isentos de riscos, estando associados à exposição a substâncias tóxicas, metais pesados e compostos orgânicos voláteis, além de manterem o potencial de dependência devido à presença de nicotina (MOTA, 2023).

Adicionalmente, evidências sugerem que os cigarros eletrônicos podem não atuar como estratégia eficaz de cessação, sendo frequentemente utilizados de forma concomitante aos cigarros convencionais, caracterizando o chamado uso dual (KNORST, 2014). Estudos também apontam que os níveis de nicotina podem ser equivalentes ou até superiores aos do cigarro tradicional, o que reforça o potencial de dependência e manutenção do comportamento de uso (FIOCRUZ, 2024).

Do ponto de vista epidemiológico, observa-se crescimento do uso desses dispositivos, especialmente entre jovens, mesmo em contextos onde sua comercialização é proibida. No Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária mantém restrições à comercialização, importação e propaganda desses produtos desde 2009, atualizadas recentemente, o que evidencia

um descompasso entre regulamentação e prática social (ANVISA, 2024). Esse cenário levanta preocupações quanto à normalização do uso, à iniciação precoce e ao aumento da exposição a riscos à saúde.

Além dos aspectos regulatórios e biológicos, fatores sociais e comportamentais desempenham papel central na dinâmica de uso desses dispositivos. A convivência com fumantes, a influência de pares e o histórico prévio de uso de cigarros convencionais têm sido descritos como importantes determinantes para a experimentação e manutenção do uso de produtos de nicotina. Esses fatores podem contribuir para a construção de percepções mais permissivas e menor percepção de risco, favorecendo a adesão ao comportamento de fumar em suas diferentes formas.

Diante desse contexto, compreender os conhecimentos, percepções e fatores associados ao uso de cigarros eletrônicos torna-se fundamental para subsidiar estratégias de prevenção e controle. Assim, este estudo tem como objetivo analisar o conhecimento e o consumo de cigarros eletrônicos na população, comparando-os ao uso de cigarros convencionais, bem como investigar a influência de fatores sociais, como a convivência com fumantes, e comportamentais relacionados ao uso desses dispositivos.

METODOLOGIA:

Delineamento do estudo

Trata-se de um estudo observacional, descritivo, de corte transversal, com abordagem quantitativa, caracterizado como pesquisa de opinião pública. O estudo foi conduzido no município de Uberlândia, Minas Gerais, com o objetivo de analisar conhecimentos, percepções e práticas relacionadas ao uso de cigarros eletrônicos.

População e amostra

A população do estudo foi composta por indivíduos adultos (≥ 18 anos) residentes no município. De acordo com dados do Censo 2022, Uberlândia possui 582.765 habitantes nessa faixa etária. A amostra foi do tipo não probabilística por conveniência, totalizando 210 participantes abordados em espaços públicos de grande circulação.

Instrumento e coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio de um formulário estruturado, elaborado pelos pesquisadores, contemplando: (i) características sociodemográficas; (ii) conhecimentos, práticas e opiniões sobre cigarros eletrônicos e convencionais; (iii) convivência com fumantes e histórico de uso de tabaco; e (iv) aspectos comportamentais, incluindo sintomas ansiosos e depressivos e consumo de álcool.

A coleta ocorreu entre os meses de agosto e dezembro de 2024, em diferentes dias da semana e horários, a fim de ampliar a heterogeneidade da amostra. As entrevistas foram realizadas presencialmente em locais públicos, como terminais de transporte coletivo, feiras livres e praças. Os participantes foram abordados de forma direta pela equipe de pesquisa e convidados a responder voluntariamente ao instrumento.

Variáveis do estudo

As principais variáveis independentes consideradas na análise foram: (i) histórico de uso de cigarro convencional (uso atual ou prévio) e (ii) convivência com fumantes. Essas variáveis foram analisadas em relação aos desfechos de interesse, incluindo uso de cigarros eletrônicos, percepções sobre regulamentação, uso em ambientes públicos e por menores de idade, bem como motivos para iniciação ou não uso.

4

Análise dos dados

Os dados foram digitados em planilha eletrônica com dupla entrada para verificação de consistência e, posteriormente, analisados no software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 21.0. Realizou-se análise descritiva por meio de frequências absolutas e relativas, além de medidas de tendência central e dispersão quando aplicável.

Para análise inferencial, foram utilizados testes estatísticos conforme a natureza das variáveis. A associação entre variáveis categóricas foi avaliada por testes de comparação de proporções. Para variáveis quantitativas, empregou-se o coeficiente de correlação de Pearson ou de Spearman, conforme distribuição dos dados. O teste t de Student foi utilizado para comparação de médias entre grupos independentes, e o teste de Mann-Whitney como alternativa não paramétrica. Também foram utilizados modelos de regressão logística para análise multivariada.

O nível de significância adotado foi de 5% ($p < 0,05$).

Aspectos éticos

O estudo caracteriza-se como pesquisa de opinião pública, sem identificação dos participantes ou qualquer tipo de intervenção. De acordo com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, pesquisas dessa natureza, que utilizam informações de acesso público e não envolvem riscos aos participantes, estão dispensadas de apreciação pelo sistema CEP/Conep. Foram respeitados os princípios éticos de confidencialidade, anonimato e participação voluntária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 1. Opinião e práticas sobre cigarros eletrônicos relacionados ao uso de cigarros convencionais (N=202), Uberlândia (MG)

Sabe o que são cigarros eletrônicos	Usei cigarro comum e ainda uso		Convive com fumantes	
	N	%	N	%
Sim	87	90,6	164	89,6
Não	8	8,3	16	8,7
<i>Valor P</i>	0,19		,725	
Devem ser legalizados	Usei cigarro comum e ainda uso		Convive com fumantes	
	N	%	N	%
Sim	23	24	52	28,7
Não	59	61,5	103	56,9
Não sei	14	14,6	26	14,4
<i>Valor P</i>	0,837		,098	
Devem ser usados em ambientes públicos?	Usei cigarro comum e ainda uso		Convive com fumantes	
	N	%	N	%
Sim	11	11,5	22	12,1
Não	77	80,2	129	70,9
Não sei	8	8,3	31	17,0
<i>Valor P</i>	0,978		,001	
Devem ser usados por menores de idade?	Usei cigarro comum e ainda uso		Convive com fumantes	
	N	%	N	%
Sim	2	2,1	9	4,9
Não	93	96,9	171	92,9
Não sei	1	1	4	2,2
<i>Valor P</i>	0,988		,006	
Utilizou cigarros eletrônicos	Usei cigarro comum e ainda uso		Convive com fumantes	
	N	%	N	%
Sim	39	40,6	72	39,8
Não	56	58,3	108	59,7
<i>Valor P</i>	0,000		,000	
Principal razão para iniciar o uso	Usei cigarro comum e ainda uso		Convive com fumantes	
	N	%	N	%

	N	%	N	%
Curiosidade	32	49,2	49	43,0
Valor P	0,667		,160	
Parar de fumar cigarros convencionais	3	4,6	5	4,6
Valor P	0,609		,243	
Influência de amigos/ familiares	7	10,8	18	16,4
Valor P	0,028		,080	
Outro motivo	31	32,3	81	44,0
Valor P	0,848		,899	
Se não utiliza, qual é a principal razão	Usei cigarro comum e ainda uso		Convive com fumantes	
	N	%	N	%
Preocupação com a saúde	41	46,1	70	46,4
Valor P	0,079		,150	
Custo	6	6,7	8	5,4
Valor P	0,726		,417	
Falta de interesse	36	40,4	67	45,3
Valor P	0,348		,536	
Outro motivo	5	5,6	8	5,5
Valor P	0,299		,161	
Considera parar de usar cigarros eletrônicos?	Usei cigarro comum e ainda uso		Convive com fumantes	
	N	%	N	%
Sim, estou considerando	21	22,6	40	23,3
Valor P	0,544		,166	
Não estou considerando	3	3,2	7	4,1
Valor P	*		*	
Não aplicável	69	74,2	125	72,7
Valor P	*		*	

Os achados deste estudo evidenciam que o contexto social, particularmente a convivência com fumantes, está significativamente associado tanto ao uso quanto às percepções sobre cigarros eletrônicos. Observou-se que indivíduos que convivem com fumantes apresentaram frequência de uso de cigarros eletrônicos de 39,8%, em comparação a 40,6% entre aqueles que não convivem, com associação estatisticamente significativa ($p < 0,001$). Esse resultado sugere que a exposição ao comportamento de fumar no ambiente social pode favorecer a experimentação e manutenção do uso desses dispositivos.

Adicionalmente, verificou-se associação significativa entre convivência com fumantes e a percepção sobre o uso de cigarros eletrônicos em ambientes públicos ($p = 0,001$). Entre os indivíduos que convivem com fumantes, 70,9% posicionaram-se contrários ao uso em ambientes públicos, enquanto 17,0% relataram indecisão. Em contraste, entre aqueles que não convivem com fumantes, observou-se maior rejeição (80,2%) e menor indecisão (8,3%). Esses dados sugerem que a convivência com fumantes pode reduzir a percepção de risco ou aumentar a tolerância social ao uso desses dispositivos, conforme discutido por Fairchild, Bayer e Colgrove (2014).

Resultado semelhante foi observado em relação ao uso por menores de idade ($p=0,006$). Embora a maioria dos participantes tenha se posicionado contrariamente, a proporção de respostas favoráveis foi maior entre aqueles que convivem com fumantes (4,9%) em comparação aos que não convivem (2,1%), assim como a indecisão (2,2% vs. 1,0%). Esse padrão reforça a hipótese de normalização do comportamento em contextos sociais onde o uso de nicotina é mais presente, o que é consistente com evidências sobre influência social no comportamento de saúde (HAMMOND et al., 2017).

No que se refere ao histórico de tabagismo convencional, observou-se associação significativa com o uso de cigarros eletrônicos ($p<0,001$), indicando que indivíduos que já utilizaram ou ainda utilizam cigarros tradicionais apresentam maior probabilidade de uso desses dispositivos. Esse achado está em consonância com a literatura sobre uso concomitante (*dual use*), na qual os cigarros eletrônicos frequentemente não substituem completamente o cigarro convencional (GONIEWICZ et al., 2016; KALKHORAN; GLANTZ, 2016).

Entre os motivos para iniciar o uso, a influência de amigos e familiares apresentou associação significativa com o histórico de uso de cigarros convencionais ($p=0,028$). Especificamente, essa razão foi relatada por 10,8% dos indivíduos com histórico de uso de cigarro convencional, em comparação a 16,4% entre aqueles que convivem com fumantes, indicando o papel relevante das redes sociais no comportamento de iniciação. Esse achado está alinhado a estudos que destacam a influência interpessoal como fator determinante para experimentação (BARRINGTON-TRIMIS et al., 2016; WANG et al., 2021).

Esses resultados reforçam evidências de que a exposição ao tabagismo no ambiente social atua como importante fator de risco para a iniciação e manutenção do uso de produtos de nicotina (WANG et al., 2021; BARRINGTON-TRIMIS et al., 2016). A literatura aponta que normas sociais percebidas e a aceitação no grupo de convivência influenciam diretamente o comportamento.

No que diz respeito às percepções regulatórias, a maior indecisão observada entre indivíduos expostos ao convívio com fumantes pode refletir um processo de normalização do comportamento de fumar, no qual a exposição frequente reduz a percepção de risco (FAIRCHILD; BAYER; COLGROVE, 2014). Esse fenômeno é particularmente relevante para a saúde pública, considerando o potencial impacto na iniciação precoce (U.S. SURGEON GENERAL, 2016).

Além disso, a influência interpessoal observada neste estudo dialoga com modelos teóricos, como a Teoria do Comportamento Planejado, que destaca o papel das normas subjetivas na determinação do comportamento (AJZEN, 1991). Assim, a interação entre fatores individuais e sociais deve ser considerada no planejamento de intervenções.

Do ponto de vista das políticas públicas, os resultados indicam a necessidade de estratégias que abordem não apenas o indivíduo, mas também seu contexto social. No Brasil, a comercialização de cigarros eletrônicos é proibida pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária, contudo, a prevalência de uso observada sugere desafios na fiscalização e na efetividade das ações educativas (BRASIL, 2009).

Este estudo apresenta limitações, como o delineamento transversal e o uso de dados autorreferidos. Ainda assim, contribui para a compreensão dos fatores associados ao uso de cigarros eletrônicos, destacando o papel central do ambiente social e das relações interpessoais.

CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo demonstram que o uso e as percepções sobre cigarros eletrônicos estão associados a fatores sociais e comportamentais, com destaque para a convivência com fumantes e o histórico de uso de cigarros convencionais. A convivência com fumantes mostrou-se relacionada a maior uso desses dispositivos, além de maior indecisão e menor rejeição quanto ao seu uso em ambientes públicos e por menores de idade, sugerindo influência do ambiente social na experimentação e na normalização desses produtos.

Adicionalmente, o uso prévio ou atual de cigarros convencionais esteve associado ao uso de cigarros eletrônicos, indicando possível coexistência ou transição entre produtos de nicotina. A influência de amigos e familiares também se mostrou relevante para a iniciação, reforçando o papel das redes sociais no comportamento de uso.

Em conjunto, os achados apontam que intervenções voltadas à prevenção e ao controle do uso de cigarros eletrônicos devem considerar não apenas o indivíduo, mas também seu contexto social e relacional. Estratégias de educação em saúde, regulação e vigilância — especialmente no cenário brasileiro, onde a comercialização desses dispositivos é proibida pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária — precisam ser fortalecidas, com ênfase na redução da normalização do uso e na proteção de populações mais vulneráveis. Além disso, estudos

futuros, especialmente com delineamentos longitudinais, são necessários para melhor compreender as relações causais envolvidas.

REFERÊNCIAS

AJZEN, Icek. The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, v. 50, n. 2, p. 179–211, 1991.

ANVISA, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, Anvisa atualiza regulação de cigarro eletrônico e mantém proibição, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2024/anvisa-atualiza-regulacao-de-cigarro-eletronico-e-mantem-proibicao>. Acesso: 27/04/26.

BARRETO, Ivan Farias. Tabaco: a construção das políticas de controle sobre seu consumo no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 25, p. 797-815, 2018.

BARRINGTON-TRIMIS, Jessica L. et al. *E-cigarettes and future cigarette use*. *Pediatrics*, v. 138, n. 1, e20160379, 2016.

BENITO RC, BENITO lao. História do tabaco, rituais religiosos e EVALI: Considerações introdutórias sobre a sua evolução e o seu diagnóstico. *REVISA*.2025 Jan-Mar; 14(1): 1212-8. DOI: <https://doi.org/10.36239/revisa.v14.1.p1212a1218>.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 46, de 28 de agosto de 2009. Dispõe sobre a proibição da comercialização, importação e propaganda de dispositivos eletrônicos para fumar. Brasília, 2009.

CAVALCANTE, T. M. Cigarro eletrônico: representações sociais entre os seus consumidores. <https://docs.bvsalud.org/biblioref/coleciona-sus/2018/36471/36471-1670.pdf>De, 2018.

FAIRCHILD, Amy L.; BAYER, Ronald; COLGROVE, James. The renormalization of smoking? *New England Journal of Medicine*, v. 370, n. 4, p. 293–295, 2014.

FIO CRUZ, Fundação Oswaldo Cruz. 2024. Fiocruz apresenta propostas de pesquisa sobre dispositivos eletrônicos para fumar. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/2024/06/fiocruz-apresenta-propostas-de-pesquisa-sobre-dispositivos-eletronicos-para-fumar>. Acesso: 27/04/26.

FRAGA, Sílvia. Tabaco: panaceia no século XVI e patologia no século XX. *Acta Médica Portuguesa*, v. 23, n. 2, p. 243–6, 2010.

GONIEWICZ, Maciej L. et al. Dual use of electronic and tobacco cigarettes. *Nicotine & Tobacco Research*, v. 18, n. 3, p. 229–232, 2016.

HAMMOND, David et al. Electronic cigarette use and smoking initiation. *CMAJ*, v. 189, n. 43, p. E1328–E1336, 2017.

HISSA, Sarah de Barros Viana. Fumo e cachimbos estrangeiros na moderna São Paulo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 34, p. 111-131, 2020.

Instituto Nacional do Câncer. INCA. 2025. Prevalência do Tabagismo. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/observatorio-da-politica-nacional-de-controle-do-tabaco/dados-e-numeros-do-tabagismo/doencas-relacionadas-ao-tabagismo>. Acesso em 27/04/26.

KALKHORAN, Sara; GLANTZ, Stanton A. E-cigarettes and smoking cessation. *The Lancet Respiratory Medicine*, v. 4, n. 2, p. 116–128, 2016.

KNORST, Marli Maria *et al.* Cigarro eletrônico: o novo cigarro do século 21? *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, v. 40, p. 564-572, 2014.

MOTA, Caio Souza *et al.* Lesões pulmonares associadas ao uso de cigarro eletrônico: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 2, 2023.

Organização Mundial de Saúde. OMS. 2025. Tabaco. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/tobacco>. Acesso em 27/04/2026.

REZENDE JÚNIOR, Gildo Costa. Impacto das campanhas publicitárias contra o tabagismo no comportamento do consumidor Dissertação (Mestrado em Publicidade e Marketing) – *Instituto Politécnico de Lisboa*, Lisboa, 2013.

U.S. SURGEON GENERAL. *E-cigarette use among youth and young adults: a report of the Surgeon General*. Washington, 2016.

WANG, Teresa W. *et al.* Characteristics of e-cigarette use behaviors among US youth. *JAMA Network Open*, v. 4, n. 6, e2111336, 2021.